

## Artigo de Opinião

### Formação de executivos e transformação digital

Portugal é um país de contradições no que respeita à capacidade de gestão dos seus executivos. Se, por um lado, somos uma fonte de recrutamento credível para a generalidade das empresas multinacionais que veem no país uma base de recrutamento para executivos com carreiras internacionais ao mais alto nível, por outro lado apresentamos elevados défices de competências no que respeita à capacidade de gestão da generalidade das empresas portuguesas. Apesar desta contradição, é inegável o potencial dos executivos portugueses em lidar com desafios culturais, tecnológicos e de mercado como prova o sucesso da gestão portuguesa ao mais alto nível.

Neste contexto, a revolução digital e os desafios colocados pela gestão intergeracional, mais do que barreiras, são oportunidades para executivos habituados à gestão de situações complexas, em que a multiculturalidade e a transformação tecnológica estão permanentemente presentes. Contudo, tal não significa que não tenhamos nada a melhorar na formação de executivos, pelo contrário. O aprofundamento da formação técnica e o desenvolvimento da abertura cultural, com uma formação humanista que potencie a capacidade de compreensão e de integração de novas gerações e de diferentes culturas, são desafios permanentes se queremos continuar a formar executivos reconhecidos internacionalmente.

A prossecução de tais desafios implica que as escolas, em geral, e de gestão, em particular, tenham uma capacidade de investimento científico-tecnológico que permita uma efetiva experimentação pedagógica das tecnologias digitais aos mais diversos níveis da gestão, desde os ERP às redes sociais. O mesmo desafio se coloca ao nível do desenvolvimento de competências socioculturais, só possível através de uma formação humanista em que o ecletismo e a multiculturalidade estejam presentes de forma explícita, o que pode ser potenciado através de programas de mobilidade internacional, como é o caso do Programa Erasmus, mas também através da criação de ambientes pedagógicos que potenciem o papel da escola enquanto “entreposto cultural”.

Se o papel da escola é fundamental, não menos fundamental é o papel das comunidades, em geral, e das empresas, em particular, na criação de contextos de socialização e de aprendizagem que possam constituir-se em espaços em que a “ecologia dos saberes” esteja presente por forma a potenciar uma formação cultural aberta e eclética.

*Prof. Doutor António José Almeida*  
*Docente da Escola Superior de Ciências Empresariais do Instituto Politécnico de Setúbal*  
*(ESCE/IPS)*

*In Human (01-09-2017)*